

TONUS NA ESPERA DO LUGAR ALGUM

TONUS WAITING FOR NOWHERE

Daniel de Oliveira Gomes¹

Resumo: Leonardo Tonus é um autor brasileiro residente em Paris, que academicamente já vem trabalhando há tempos o tema da imigração e das minorias. Neste artigo, analisamos a sua obra *Agora vai ser assim*, publicada pela editora Nós. Destacamos, em seu trabalho poético, a tendência a tematizar o migrante como uma multidão de esquecidos e negligenciados, apontando para a esquizofrenia dos muros e o contrassenso das fronteiras que excluem e incluem.

Palavras chave: Tonus; migração; poesia; exclusão.

Abstract: Leonardo Tonus is a Brazilian author residing in Paris. This author has been working on the issues of immigration and minorities for some time. In this article, we analyze his work *Agora vai ser assim*, published by the Nós. In his poetry, we tend to thematize the migrant as a crowd of forgotten people. He points to a critique of the schizophrenia of walls and the nonsense of borders that exclude and include.

Keywords: Tonus; migration; poetry; exclusion.

“Quero que minha voz migrante ecoe/ na espera do lugar algum.”

(TONUS, Leonardo)

Leonardo Tonus, um autor brasileiro residente em Paris, que academicamente já vem trabalhando há tempos o tema da imigração e das minorias, sai de cima do muro, artisticamente falando, com a obra *Agora vai ser*

¹Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil, com período sanduíche em Université de Lille III Sciences Humaines Lettres et Arts – França. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura na Université Paris-Ouest Nanterre la Défense - França. Professor Associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0325-9846>. E-mail: setepratas@hotmail.com.

assim, lançada pela editora Nos (2018). Para apresentar um pouco o autor, podemos começar pelo fato de ter migrado para França nos anos 80, por questões econômicas, e ser, hoje, professor na Sorbonne, tendo recebido duas condecorações pelos Ministérios da Educação e da Cultura franceses: o “*Chevalier des Palmes Académiques*” e o “*Chevalier des Arts et des Lettres*”, respectivamente em 2014 e 2015. O autor coordenou a publicação de ensaios de Samuel Rawet, pela Civilização Brasileira, em 2008, e dirige o projeto internacional “*Printemps Littéraire Brésilien*”, em Paris, o qual fundou em 2014.

Na poesia de Leonardo Tonus, destaco a tendência dialógica com a agoridade da arte de modo geral, posto que alude bastante a autores-artistas contemporâneos; a maioria deles, experimentalistas que suscitam conscientizações potentes com relação às crises humanitárias sem precedentes pelas quais passamos em escala planetária. Assim, o referencial a que faz menção é o de uma estética engajada. Dentre essas referências feitas à arte militante do contemporâneo, temos, por exemplo, as instalações do artista chinês Ai Weiwei, acompanhada em Berlim pelo poeta, e que, evidentemente, o inspira pela entonação crítica ao drama dos refugiados. O poema Bond, por sua vez, faz alusão ao autor britânico de teatro contemporâneo, Edward Bond, mais em específico a peça *La mer*, que mescla o trágico e o cômico. “O filho de Julian” faz menção explícita ao romance *Resistência* de Julian Fuks. Um outro poema rende homenagem à Cintia Moscovich, autora da orelha do livro. Ou seja, uma vontade de correspondência, pincelada aqui e ali, da parte do poeta, com o aqui-agora.

O título da obra parece um pouco imperativo, mas me parece que faz uma remissão mais ao agora, do que ao “daqui para frente”. Tematicamente, o aqui-agora observado pelo poeta, neste *Agora vai ser assim*, tem a ver com a questão do corpo excluído, o corpo a salvar, o corpo sem salvação. O corpo individual empurrado, para fora, para dentro, para outro muro, por ordem de uma loucura social, eis um dos essenciais tópicos de Tonus.

Loucura social que vem a ser a da própria ordem normativa que transforma o refúgio em refugio. É uma luta (luz poética) contra o sombrio medo do outro, o preconceito, o olhar avesso, o descaso, o egoísmo, o fascismo. Esta loucura de uma nova ordem social produzindo, cada vez mais, egóicos olhares que não reenviam, em mirada exclusiva, o corpo individual do sujeito alheio à outra terra, à sua terra de volta, mas sim, a outro mundo, a um mundo-sem-lugar (um mundo demolido, o lugar abandonado, ou mesmo a morte). O corpo anônimo, o corpo obscuro, o corpo desconcertante, o corpo do desastre, por aí circulam as suas águas. Escoa o corpo partido, que um dia partiu. Escoa uma intensidade interna, não apenas exterior. Escoa uma subjetividade confessável.

Como crítico do humano, da loucura do mundo, certo tom de universalismo estético e de burlesco em Tonus remete-me ao desarquivamento de uma crítica renascentista ao humano que já era operada nas margens do próprio humanismo. Por exemplo, à antiga gravura de Pieter Bruegel, “*Un Sabbat de Bouffons*”, que ao seu modo dizia “daqui para frente vai ser assim”. O mundo (camponeses ou aristocratas) como caricatura de uma mesma festa de loucos. Nesta gravura, uma multidão de loucos, representados pelos *bouffons* que se contorcem, brigam e dançam, com esferas, instrumentos musicais, como uma multidão perdida de desencaminhados. É uma obra de meados do século XVI, também conhecida por “*Festival off Fools*”, mas onde o que se demonstra é a dificuldade do gesto, da hospitalidade e da cortesia. Pergunto-me se não é esta mesma dificuldade que centraliza ainda hoje a poesia de *Agora vai ser assim*, enfocando, obviamente, os tempos atuais e do porvir. Os *buffons*, desconcertados no concerto, os esquecidos e negligenciados, são esses homens que não sabem lidar com o outro, o estranho, que no final das contas é nada mais que alguém como ele mesmo, e que também quer participar do concerto. Eles vêm a ser os loucos (as)fixi(a)dos no coletivo, após a era medieval, obrigando uns aos outros a caminhar a qualquer lado, posto que só olham a si mesmos, incapazes de uma dança harmônica numa multidão crescente. Ante

todas as oportunidades epistêmicas e científicas do mundo, lhes faltam a temperança de decidir, de operar um gesto harmônico, de se desafixarem (desasfixiarem) de seus egoísmos, suas pequenas esferas, suas morais. Alguns *buffons*, da antiga gravura renascentista, ainda imperfectíveis, conseguem fazer uma fila de mãos dadas, mas, são julgados por outros com suas esferas nas mãos, enquanto outros ainda simplesmente lhes dão as costas ou fazem piruetas.

Penso nesses *buffons* múltiplos, no novo carnaval de desconcertados, como sendo, numa releitura poética de Tonus, duas forças concomitantes enquadradas no espaço mundializado: uma força móvel, outra estática. Quer seja: tanto os loucos navegantes empurrados pelo mar, os refugiados, os desesperados, os incapazes de se mascararem de turistas, os que vão à procura forçosa de outro espaço; quanto sendo também os loucos que se deparam com a multidão perdida em seu espaço, e apenas julgam-na, sem quererem largar suas esferas morais, a compreender a “dança” pós-moderna, os passos de um novo conviver mundializado. No entanto, estão se beneficiando da orquestra, mas não querem lidar com as consequências, os sem-lugares, as vítimas, os “desastrados”, os desconcertados. Uma loucura dupla da alteridade na pós modernidade.

Com o crítico literário Raimundo Neto, em *Agora vai ser assim de Leonardo Tonus, e o exercício da alteridade*, lemos:

As unidades que compõem o livro insinuam temas que tratam de vidas que sofrem desastres, ao tempo que esperam que a “*palavra sem-lugar*” (pág. 86) seja morada fora do mundo, aproveitando “*cada passo, como se fosse o último/ casa hora, como se fosse a última*” como um “*infinito (re)começo*” de muitos caminhos. Os poemas escritos por Leonardo Tonus – professor de literatura na Universidade Sorbonne, de Paris e criador do *Printemps Littéraire Brésilien*, que acontece em diversos países do hemisfério Norte -, elevam-se sem compor categorias, sem sugerir que há um único caminho partindo da tristeza e nos levando à alegria, numa linha óbvia e reta, como se a vida fosse composta por dualidades assim tão práticas. Não. Os sentidos do eu poético no livro contam enfrentamentos antigos e sempre renovados, dos porões dos navios soterrando escravos no

mar a genocídios noticiados e outros tantos diários que vemos e assumimos “horror suspenso”. De “um (estado) pouco alegre” a moderações de uma esperança cantável capaz de “brincadeiras animadas”, os poemas de Leonardo Tonus escrevem catástrofes íntimas indissociáveis do que vemos cotidianamente: mulheres, negros, gays, nordestinos, imigrantes, judeus, discriminados, mortos, demolidos, soterrados. (NETO, 2019, s/p)

Gostaria de pensar estas catástrofes íntimas indissociáveis, de que fala Raimundo Neto, quais sejam, “mulheres, negros, gays, nordestinos, imigrantes, judeus, discriminados, mortos, demolidos, soterrados”, enfim, toda ruína de estrangeiramento, na questão do entulhamento humano, esse discurso já normalizado, sendo a loucura da nova ordem social, para Tonus. Para pensar a loucura em sua relação com a literatura, esses *bouffons* pós-modernos, vou, obviamente, a um filósofo francês que muito estudou o tema, Michel Foucault. No texto “A Linguagem Enlouquecida”, o filósofo francês já propunha a loucura como quiçá nada mais que a “estranha sintaxe de um discurso” (FOUCAULT, 2016, p.55), uma estranha sintaxe que não é um encontro arbitrário e irracional de palavras, mas uma linguagem em êxtase de sentidos múltiplos, capaz de fissurar a memória da razão e da Lei. Ao postular-se, aqui, foucaultianamente uma relação inata entre loucura e linguagem, estamos aproximando duas impotências do dizer, duas marginalidades do discurso: aquela marginalidade (mais trabalhada por Tonus) do imigrante, daquele que fala uma língua outra, à marginalidade mais específica do louco (a linguagem enlouquecida é uma outra língua). Uma língua outra ou uma outra língua, ambas marginalidades podem desconcertar, afetar, a natureza do social, mas também a natureza dos nossos discursos. É a voz, o abandono, o muro derrubado, o buraco que ecoa...

Quero que minha voz migrante ecoe
na espera do lugar algum.
Ocupar um lugar é sempre ocupar o lugar de alguém,
à sombra de nossa boa consciência,

sufocada no lodaçal da memória
de derrotas
e desrotas
Abandonei a terra. A família; A casa da família.
Perdi o giz da lousa nos cascalhos banhados pelas
ondas do mar.
Minha identidade é profunda.
Sou o ralo do mundo.
Um buraco
Um homem-buraco
que nada há de preencher.
Sem descendência, genealogias ou *habitus*
sou o bastardo que transforma o horizonte
em pontos de fuga
sem volta.
(TONUS, 2018, p. 79).

Para pensar um pouco melhor a partir disso, é que trago Foucault à cena. Filósofo para quem a literatura contemporânea e a loucura têm um horizonte comum, “uma espécie de junção que é a linha dos signos” (FOUCAULT, 2016, p.70). Remeto ao momento quando Foucault levantava a questão dos perseguidos que escutam uma voz. E recorda a constatação clínica dessas vozes que o perseguido escuta serem emitidas por ele mesmo. “De fato, ele tem a impressão de que elas vêm do exterior, mas, na realidade, um aparelho de gravação que pode fixar à altura de sua laringe basta para provar que ele mesmo pronunciou essas vozes” (FOUCAULT, 2016, p.55). Com isso, o que Foucault buscava ler era a linguagem do louco como uma linguagem do corpo, mais como uma dada transparência do que como, classicamente a víamos, uma obscuridade, pondo-a, assim, esta linguagem enlouquecida, no liame de discurso onde seria um como qualquer outro, muito embora uma linguagem mais excessiva e sobrecarregada. É sobrecarregada de sentidos e não de não-sentidos, para Foucault (tal como observo Leonardo Tonus, situando os

sentidos do estranho desconcertante no espaço). Como Foucault dirá, “espécie de profusão tropical dos signos, em que todos os caminhos do mundo se confundem” (FOUCAULT, 2016, p.55). Foucault tentava derrubar os muros que separavam linguagem e loucura. E Tonus busca derrubar os muros se separam linguagem e migrante.

Muros

Vivemos
A razão do impasse da razão
Nos corpos da razão vivemos
O corpo no impasse do corpo
Vivemos a razão dos impasses
Vivemos os corpos dos impasses
Apenas
(TONUS, Leonardo, p.22).

Note-se o poema acima, observe-se como mescla as palavras “razão”; “impasse” e “corpo”. A cada verso, o impasse é ponderado como algo que liga a palavra a palavra, a razão do impasse da razão, o corpo no impasse do corpo. Este é o impasse, vivemos um mundo onde os desejos e a linguagem dos corpos se sobrepõem às pretensas razões geográficas (ou razões que pro-criam muros, fronteiras, limites). Vivemos um mundo dos impasses, mas como “corpo no impasse do corpo”, somos rodeados de impasses, acima e abaixo, “nos corpos da razão vivemos”, “vivemos a razão dos impasses”. Toda esta profusão, confusão, de palavras, como um delírio surreal entre o fato esquecido de que “apenas” “vivemos”. Vivemos mais os muros do que a vida em si, eis o impasse, o desatino crescente que esta poética acusa (e recusa). Eis o buraco.

Assim, Foucault notava outro (ou semelhante) impasse, tentando derrubar o muro da razão, também, mais especificamente, neste caso, o que separava o falar e o louco. O filósofo francês observou, então, a possibilidade de

falar e a possibilidade de ser louco como concomitantes existencialidades. Além disso, Foucault queria aproximar a loucura e a razão através do “corpo”, colocando em cena o corpo do louco, do indigente, seu *corpus*. Tonus, por sua vez em seus versos, frequentemente, desliza a relação entre a linguagem e o corpo, tal como poderíamos associar ao ensinamento foucaultiano (uma potência física na linguagem enlouquecida). “Aquilo que eu chamo de poesia está no corpo” (TONUS, 2018, p.74).

Sei que há atualmente todo um grande prestígio um pouco folclórico de literatura de hospício, da literatura de alienados. Gostaria de falar de outra coisa, dessa estranha experiência literária que faz a linguagem rodopiar sobre si mesma e descobre, no avesso de nossa tapeçaria verbal familiar, uma lei surpreendente. Essa lei, acho que poderíamos formulá-la assim: a linguagem, não é verdade que ela se aplique às coisas para traduzi-las; as coisas é que são, pelo contrário, contidas e envolvidas na linguagem como um tesouro afogado e silencioso no tumulto do mar (...) (FOUCAULT, 2016, p.57).

Se Foucault entendia, como também Artaud, que a sociedade disciplinar transporta em sua ordem, em seu excesso de fronteiras e exclusões, uma dada “loucura da ordem”, uma espécie de pavor persecutório que intensifica os estranhos, os loucos, os obscenos (fora de cena, que devem ficar sob controle policial nos não-lugares, nas fronteiras, ou sob controle biopolítico, nos asilos, nos hospícios, hospitais psiquiátricos, etc.), Tonus, também o faz como poeta-estrangeiro diante do enlouquecimento do *nomos*, ou a Lei como absurdo da norma. O poeta também aponta para essa esquizofrenia dos muros, patologia da própria ordem social no mundo. Contrassenso que produz, em um mundo limitado por fronteiras, a sua transgressão contínua. Ele o faz após chegar ao clímax da sua carreira, escolhendo a poesia como ato de fala. É como se,

subitamente, Tonus surgisse como poeta após uma pergunta íntima: “E agora, Leonardo?” (drummondiano).

Como vemos em versos do poema “Entre”, por exemplo (poema que faz a capa/contracapa de sua obra), ele vê a loucura e a obscenidade desconcertante ao seu redor, mas não se trata da afasia dos estrangeiros, dos que não assimilaram a língua outra, é, sim, a sua linguagem não ouvida, suas falas desconsideradas, suas línguas desconsideradas. Deste modo, a temperança de Tonus começa pela hospitalidade, a qual, por sua vez, “começa pela hospitalidade da língua”. O estado de temperança com aquele que pode enlouquecer nas margens, bem como, fazer enlouquecer a própria realidade entorno, começa sempre pelo acolhimento; acolher a língua do outro que nos é desconhecida e acolher em nossa língua o outro, como diria no poema “Estar-em-comum”. Trata-se de compreender o refugio como refúgio, qual a estrofe de “um corpo sobre a areia”:

No refúgio não há epifanias.
Há silêncio.
Um silêncio oco.
Um silêncio-soco dos que habitam
A espera
À espera
Da pergunta que nunca virá.
(TONUS, 2018, p.14).

O Terror advém do inominável, advém de uma opacidade das condutas sociais, de condutas pretensamente puras que delegam ao elemento exterior dito irracional, estrangeiro, forasteiro, uma obscenidade não merecida, de modo que Tonus acaba afirmando que vai “(...) apagar a opacidade das condutas sociais e privilegiar a transparência desconcertante da palavra por dentro, obscena” (TONUS, 2018, p.14). Eis a resposta para a pergunta secreta “E agora, Leonardo?”, uma resposta foucaultiana, eu diria.

A poesia em questão floresce politicamente, assim, numa intensidade consciente da loucura do social, da ordem, da fronteira, mas também de que não há poesia possível nesse sentido, porque aquilo que trata como poesia é uma impossibilidade de abordagem do corpo do outro em refúgio, em refugio. A poesia não pode transformar os muros reais que separam esses corpos; o terror dos clandestinos desembarcados; o vazio do olhar de uma perda humana; o tráfico de imigrantes na Líbia; os refugiados da Síria; os indigentes ilegais das calçadas de seu bairro; os corpos dos que não eram desejados, “corpos abandonados no caminho” (TONUS, 2018, p.31).

A poesia de Tonus é a temperança que lida com o movimento, os fluxos, mas não pode, infelizmente, criar um concerto que obrigue os *Buffons* a dançarem em harmonia; não pode ela salvar os insetos do inverno, do homem, não pode resgatar as abelhas de Ruanda. Não pode salvar os mendigos desconhecidos; a criança afogada no mediterrâneo; não pode inviabilizar as guerras, as travessias, as putas, os rostos anônimos, os loucos que se arriscam a atravessar o (m)ar. Uma poesia de ética e contra as velhas esferas morais; poesia de resistência sem ingenuidades, como é preciso que agora seja assim.

REFERÊNCIAS

AMOREIRA, Flavio Viegas, “Leonardo Tonus, poesia social”. Junho de 2018. Disponível em: <https://levaumcasaquinho.blogspot.com/2018/06/leonardo-tonus-poesia-social-por-flavio.html>. Acessado em 05/12/2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Sobre a Fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michel. “A Linguagem enlouquecida”. In: *A Grande Estrangeira*. Sobre Literatura, Trad. Fernando Scheibe, Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NETO, Raimundo, “Agora vai ser assim de Leonardo Tonus e o exercício da alteridade.” In: São Paulo Review, 2019, Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/agora-vai-ser-assim-de-leonardo-tonus-e-o-exercicio-da-alteridade/>. Acessado em 05/12/2022

TONUS, Leonardo. A Poética de um expatriado. Entrevista a Mário Câmara, Jornal Rascunho, Curitiba. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-poetica-de-um-expatriado/>. Acessado em 05/12/2022.

TONUS, Leonardo, *Agora vai ser assim*. São Paulo: Editora Nos, 2018.

Recebido em 17/10/2022.

Aceito em 27/11/2022.